

De um velho carvalho ainda nascem folhas?

Sobre refúgio e resistência pela ótica do filme “O último pub”, de Ken Loach

Julia Bartsch¹

Jaqueline Maria Imbrizi²

Gabriel Inticher Binkowski³

Resumo: A análise do filme *O último pub* (*The old oak*, 2023), de Ken Loach, é a proposta para debater no microcosmo de um vilarejo inglês alguns ecos da relação entre Oriente e Ocidente. Busca-se colocar lentes sobre as dinâmicas de hostilidade e hospitalidade anunciadas pelo encontro entre os moradores do falido vilarejo mineiro inglês e os recém-chegados refugiados sírios. O texto explora como estereótipos e dificuldades de haver uma identificação mútua se manifestam não apenas no vilarejo em si, mas também no espaço do *pub*, que leva o nome de “Velho Carvalho” e nos remete à árvore que o nomeia, um intermediário representado tanto no folclore inglês quanto nas culturas árabe e persa. A experiência do incômodo (*das Unheimliche*, em Freud), ligada à ameaça do “outro” e à perda de lugares de pertencimento, é um sentimento comum a ambos os grupos, ainda que através de ódio ao estrangeiro por parte dos habitantes locais e pelo desterro dos refugiados. Destaca-se também a arte da fotografia e a sala reaberta do *pub*, ressignificada em um espaço de convivência e resistência. Este trabalho articula conceitos psicanalíticos com uma observância ao que é social e cultural, mostrando, através das lentes otimistas do diretor, a possibilidade de alianças e de construção de novos laços sociais a despeito das tensões iniciais.

Palavras-chave: Xenofobia; Laço social; Resistência; Oriente-Occidente; Incômodo (*Unheimliche*).

CAN LEAVES STILL SPROUT FROM AN OLD OAK? ON REFUGE AND RESISTANCE
THROUGH THE LENS OF KEN LOACH'S FILM “THE OLD OAK”

¹ Doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), bolsista CAPES, mestra em Psicologia Clínica (IPUSP), psicanalista, psicóloga e membra do Grupo Veredas – Psicanálise e Imigração, atividade de extensão do Laboratório de Psicanálise Sociedade e Política (IPUSP). E-mail: julia.bartsch@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5072-2501>.

² Professora Associada IV da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política da Universidade de São Paulo. Coordena o diretório de pesquisas do CNPq Laboratório Psicanálise, Política, Arte e Sociedade (PPAS) e o projeto de extensão Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes. E-mail: jaqueline.imbrizi@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0950-6174>.

³ Professor no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Mestre em Clínica Transcultural e doutor em Psicologia pela Université Sorbonne Paris Nord. Membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política e da Unité Transversale de Recherche Psychogénèse et Psychopathologie. Supervisor clínico no Grupo Veredas: Psicanálise e Migração. E-mail: bikowski@usp.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4908-9221>.

Abstract: The analysis of Ken Loach's film *The Old Oak* (2023) is the proposal to debate, within the microcosm of an English village, some echoes of the relationship between the East and the West. The goal is to focus on the dynamics of hostility and hospitality announced by the encounter between the residents of the failing English mining village and the newly arrived Syrian refugees. The text explores how stereotypes and difficulties in achieving mutual identification manifest not only in the village itself but also in the space of the pub, named "The Old Oak," which refers to the tree it is named after — an intermediary represented in both English folklore and Arab and Persian cultures. The experience of uncanniness (*das Unheimliche*, in Freud), linked to the threat of the "other" and the loss of places of belonging, is a feeling also common to both groups, even if expressed through hatred toward the foreigner by the local inhabitants and the uprooting of the refugees. Also highlighted are the art of photography and the pub's reopened room, which is re-signified as a space for coexistence and resistance. This work articulates psychoanalytic concepts with an observance of the social and cultural, demonstrating, through the director's optimistic lens, the possibility of alliances and the construction of new social bonds despite the initial tensions.

Keywords: Xenophobia; Social bond; Resistance; East-West; Uncanniness (*Unheimliche*).

Memórias que separam, imagens que unem. Os galhos do carvalho

Instantâneos fotográficos são as primeiras imagens que vemos, quando entendemos, a cada foto que nos é apresentada, que um grupo de refugiados sírios chegou inadvertidamente a um vilarejo inglês. Antes de investirmos nosso olhar sobre o derradeiro filme do diretor Ken Loach, é importante lembrar que sua filmografia tem se dedicado a trazer às telas temas sociais, como acesso ao sistema público de saúde (*Eu, Daniel Blake*, 2016) e a exploração do trabalho nos moldes do que hoje vem sendo chamado de "uberização" (*Você não estava aqui*, 2019). No mesmo sentido, o filme que ora trazemos, *O último pub*, de 2023, retrata, ao mesmo tempo, o ódio e a hospitalidade ao estrangeiro. Seu título original, *The old oak*, também dá nome ao *pub* que conheceremos e que pode ser traduzido por "O velho carvalho".

Essa importância se dá pelo fato de essa árvore carregar alguns simbolismos que não só fazem parte da narrativa, mas também representam, como um *intermediário*, o ponto de união entre os habitantes do vilarejo que se veem a dividir o que lhes resta do que um dia foi uma comunidade de mineradores e seus familiares com o grupo de refugiados recém-chegado. Não devemos deixar de mencionar que a transmissão e partilha cultural se dão tanto por vias da transmissão inter e transgeracional como pela apropriação, doação e imposição, como bem indica a literatura do campo antropológico. Já na esfera psicanalítica, apoiamo-nos em Kaës (1990), que define o intermediário como

uma instância de comunicação: aquele que pertence a A e a B por elementos que eles possuem em comum; entre dois termos separados, descontinuados, na lacuna, o intermediário é uma mediação, uma reaproximação no mantido-separado; é, portanto, uma instância de articulação da diferença, um lugar de simbolização. O intermediário é, por fim, uma instância de conflitualização: de oposição entre os antagonismos. (Kaës, 1990, p. 13, tradução nossa)

O carvalho, enquanto essa instância em comum, uma árvore com importante presença pelo continente europeu e pelo Oriente Médio, tem representação tanto no folclore inglês quanto nas culturas dos mundos árabe e persa. Uma dessas representações é seu símbolo de força e longevidade, mas que se torna uma antítese do que, efetivamente, vamos conhecendo daquele lugar enfraquecido pelo tempo que, por sua vez, não oferece novas perspectivas, levando a que nos questionemos sobre sua capacidade de resistir. O que vemos, ao tomarmos por base esse enfraquecimento, são reações hostis aos novos habitantes, também carregados da ideia de um futuro incerto e postos como novas ameaças ao que já não se tinha, evocando o que podemos nomear como um incômodo. Para Freud (2021 [1919]), esse incômodo (*das Unheimliche*) figuraria como algo a suscitar medo e horror (p. 7), especificando que o caráter aterrador e incômodo estaria relacionado a um outro que pode produzir descentramento do Eu, questionar nossos lugares de pertença, produzindo o sentimento de ameaça por esse outro. Esse que é novo e pouco familiar, ao mesmo tempo em que remonta a algo “há muito conhecido, ao que há tempos é familiar” (p. 10).

O que arriscamos dizer é que há muito mais em comum entre os que chegam e os que já estão no antigo vilarejo de mineradores no que diz respeito à experiência do incômodo, à perda de lugares e à ameaça que isso representa: uns pela especulação imobiliária, outros pela necessidade de abandonarem seu país de origem. É também Freud (2021 [1930]) que nos fornece a possibilidade de tomar a cultura como pista para entendermos a relação entre as pessoas, ao trazer uma das passagens bíblicas: Amarás ao próximo como a ti mesmo. Diz ele: “Meu amor é algo que me é precioso, algo que não tenho o direito de descartar irresponsavelmente... Ela irá merecê-lo se for tão semelhante a mim em aspectos importantes que nela eu possa amar a mim mesmo” (p. 360). Ao fato de o grupo de refugiados vir da Síria, um país do Oriente Médio, voltamo-nos a como esse Oriente é retratado pelo Ocidente, tornando a si e a seus habitantes algo distante e, portanto, pouco familiar. Said (2007) apresenta que:

a padronização e os estereótipos culturais intensificaram o domínio da demonologia imaginativa e acadêmica do ‘misterioso Oriente do século XIX’... Três coisas contribuíram para transformar até a mais simples percepção dos árabes e do islã numa questão altamente politizada, quase estridente: primeiro, a história do preconceito popular contra os árabes e o islã no Ocidente...; segundo, a luta entre os árabes e o sionismo israelense, e seus efeitos sobre os judeus americanos, bem como sobre a cultura liberal e a população em geral; terceiro, a quase total ausência de qualquer posição cultural que possibilite a identificação com os árabes e o islã ou uma discussão imparcial a seu respeito. (Said, 2007, p. 58)

Yara (Ebla Mari), a jovem síria em situação de refúgio que tira as fotos vistas no início do filme, é, juntamente com T.J. Ballantyne (Dave Turner), proprietário do velho e último *pub*, o fio condutor, ao buscar formas de mediação entre os dois mundos. A máquina fotográfica que carrega não apenas registra instantes, mas também leva em si memórias afetivas, ao tempo em que é também arte como arma. Quando a máquina é quebrada por um jovem do vilarejo logo no início do filme, temos o tom de como se dará, a princípio, a integração das famílias sírias. Entretanto, para todos haverá a confrontação com diferentes traumas coletivos, que para os ingleses do vilarejo são transformados em ódio contra o estrangeiro e para os refugiados que tentam vida nova em outras paragens,

que carregam em si um passado desterrado, em presente rachado, e cada um por seu percurso, são hesitantes sobre o devir. Essa condição suscita questões sobre como preservar a energia psíquica quando há ausência de alguma herança cultural, ou sua ruptura, o que acontece, por um lado, com os habitantes de um vilarejo desterrado de sua identidade de vila de mineradores e, por outro, com os refugiados, desprovidos radicalmente de suas terras. Segundo Kaës (1990, p. 27), o “uso do espaço potencial é impedido pelo estabelecimento de um espaço de ‘entre-dois’, entre o eu e o não-eu, entre o interior (por exemplo, o grupo de pertencimento) e o exterior (o grupo de recepção), entre o passado e o futuro”. A presença do outro torna-se uma ameaça.

Ao fazer registros fotográficos que, em um primeiro momento, são brutalmente interrompidos, temos a impossibilidade de registro da experiência traumática. Retomamos Kaës (1990), que apresenta a importância de se mobilizar recursos individuais diante das crises sociais, a fim de se restabelecer novas regulações adaptativas, revelando “as organizações e as articulações maiores da personalidade” (p. 16). Compreendemos que, no caso de Yara, a câmera lhe serve de escudo, ao mesmo tempo em que é o artifício possível para suas próprias elaborações, que ainda estamos por conhecer. Numa cena seguinte, vemos Yara entrando no velho *pub*, onde lhe são lançados olhares inconformados com sua presença. Ela apresenta a câmera partida a T.J., ao mesmo tempo em que ambos se apresentam. Rosa (2015, p. 44) enfatiza que, para “pensar como o sujeito tem sido afetado pelas mudanças do imaginário social, a questão da queda ou enfraquecimento do pai e suas implicações estão presentes”. Ao tomarmos conhecimento de que a câmera foi um presente de seu pai, que está em condição de preso político em algum lugar inacessível e será assassinado pelo Estado, entendemos que há outros componentes partidos em sua história.

Somos, ao mesmo tempo, introduzidos à história dos habitantes do vilarejo. Os homens no *pub* também estão ali refugiados de alguma maneira, naquele que é o único espaço que resta para seus encontros, invariavelmente regados a grandes copos de cerveja, saudosismo dos gloriosos tempos das minas de carvão e queixas do que lhes foi destituído. São refugiados, assim, de um outro tempo, outro mundo em que, ao menos imaginariamente, tinham um lugar. A presença estranha torna-se, assim, ainda mais incômoda, já que o estranho funciona como uma denúncia da presença do inconsciente e de seus avatares, tal como o mal-estar. Esses homens se ancoram em códigos culturais comuns como uma forma de pertencimento e manutenção ilusória de uma identidade em algum lugar perdida. Para Rosa (2015),

A psicanálise entende como identidade a ilusão de ser único, ilusão necessária para sustentar o narcisismo. A identidade aparece também como construção imaginária, uma representação social que mascara a presença do Outro no si mesmo e avaliza sua pertinência no mundo humano a partir da ilusão de que sabe quem é, de que pode ignorar o desconhecimento constitutivo que habita cada um. A identidade pode ser considerada sintoma quando é uma metáfora congelada, em que o sujeito adota para si uma imagem assimilada do imaginário social, com um único sentido, sem modulação. Tem a função de defesa contra a angústia de não poder saber sobre si, a não ser a partir da imagem. (Rosa, 2015, p. 60)

É ainda a câmera o motivo que reforça a aproximação entre Yara e T.J. Revela-se uma sala há muito tempo fechada. O revelar-se tem aqui um percurso que passa pelo ato

familiar da linguagem fotográfica, quando as fotos tomadas pela câmera se apresentam aos olhos dos demais pela técnica da revelação. Nesse momento, o que foi visto por quem fotografou pode ser compartilhado. T.J. abre a porta e convida Yara a entrar. Nas paredes, fotografias. Fotografias essas que revelam um passado de força e luta, de um tempo em que a união dos habitantes reivindicava a manutenção de suas subsistências por meio do trabalho nas minas. Sob uma delas, lemos: “Eles não devem passar fome”. T.J. propõe o reparo da câmera de Yara, dispondo-se a pagar o conserto com velhas câmeras que ele guardava e que, há muito, haviam deixado de registrar momentos e deixar memórias. Aquela sala, como ruínas carregadas de conteúdos não elaborados, com esse gesto, tornava-se um espaço de novas possibilidades de pertencimento a quem vinha de um mundo também posto em ruínas. Segundo Haroche (2023), e aqui aliamos à noção da moradia como substituto do ventre materno, o “*Mutterleib*” em Freud: “Nem todos temos abrigos psíquicos e físicos, aqueles que nos são fornecidos em particular por uma casa: habitar em algum lugar permite o enraizamento e hábitos que correspondem a uma forma de proteção mais geral, à necessidade de pertencimento (Haroche, 2023, p. 12).

Por caminhos paralelos, mas com interseções ocasionais, circulamos pelas realidades dos velhos e novos habitantes do lugar. Percebemos que, ainda que sejamos tomados pela tensão criada entre ambos, há também gestos de aproximação e solidariedade. É o momento em que vemos possível o encontro do que inicialmente nos parece estrangeiro com o que é familiar. Doações de bens e mantimentos são recebidas com um chá à mesa. Mulheres num salão de beleza divertem-se em seus instantes de modelo fotográfico com os cliques sensíveis de Yara. Segundo Kaës (1990), “Ao mesmo tempo em que a destrutividade em ação aprofunda a crise, desperta-se uma criatividade em ação. A crise tem sua ambiguidade fundamental ao liberar simultaneamente forças de morte e forças de regeneração” (p. 22). Por isso, apresenta-se a proposta de se resgatar aquela sala fechada do velho *pub* para que todos possam, juntos, se alimentar. Tudo parece ser um pedido de paz em meio às ruínas reais e simbólicas.

Uma sala chamada de força, solidariedade e resistência

A sala fechada e convidada a se abrir apresenta resistência inicial, para logo mais vermos na palavra “resistência” um novo significado. T.J., primeiramente, se recusa a resgatar aquele espaço carregado de conteúdos recalcados, como que à espreita, aguardando alguma possível elaboração. Mas o desejo de tantos outros transborda e o próprio resgate torna-se elemento de aproximação entre os novos e os velhos. Mais do que isso, confronta gerações entre os velhos habitantes; os mais novos questionam atitudes dos mais velhos, como o momento em que um jovem denuncia a T.J. o boicote causado por seu tio em conjunto com dois velhos amigos ao funcionamento da sala, agora transformada em espaço de convivência.

É nessa mesma sala que, após a exibição das fotografias produzidas por Yara numa tela, retratando o cotidiano local, ao som do alaúde oriental, os sírios presenteiam com um estandarte a comunidade que os acolheu. No meio desse objeto, há um grande carvalho bordado, em que estão escritas, tanto em inglês como em árabe, as palavras “força, solidariedade e resistência” (no original, *strength, solidarity, resistance*), representando a união das culturas através de pontos comuns, representados pela velha

árvore. Voltamos a Kaës, ao nos indicar que “toda ancoragem tem como característica fundamental não apenas pertencer a uma rede de ancoragem, mas também estar em ‘apoio mútuo’; com isso quero dizer que aquele que se apoia é capaz de servir, por sua vez, de apoio para quem o ampara” (p. 10). Assim, o próprio boicote ao uso da sala é combatido e, como levantar-se de ruínas, são esses três elementos do estandarte que não só tornam a sala funcional outra vez, como também levam T.J. a apontar aos executores do boicote a necessidade de se verem como parte de seus próprios dissabores.

T.J. tem uma função específica na trama. Ele é como o velho carvalho, carregado de histórias e carregando histórias alheias que lhe deixam cicatrizes. Por meio de seu encontro com Yara, sabemos que a cadela Marra teria sido o motivo de ele ainda estar vivo e que o nome da cadela se inspira em uma figura considerada amiga dos mineradores, ofício do já falecido pai de T.J. Sabemos também que ele tem um filho, com o qual não tem contato há muitos anos e que, embora ressentido, entende-se responsável pelo distanciamento. Desse trânsito entre figuras paternas e seus papéis, existe uma redenção com uma certa paternidade que opera na relação entre T.J. e Yara. Observamos uma cumplicidade em seus distintos sofrimentos. Yara conta sobre o pai, preso em condições difíceis, que deseja ainda ter vivo, mas desse desejo, diz, aos prantos: “É a esperança que causa tanta dor”. T.J. a acolhe, visita a família, a irmã mais nova apresenta a ele algumas bonecas, todas com nome de amigas da Síria das quais não se tem notícias. Há um irmão mais velho que vemos receber um vídeo de um momento de ataque em sua cidade e, mais uma vez, nos deparamos com ruínas, agora concretas e ruidosas, com gritos desesperados. Essas imagens nos são apresentadas como disruptivas e intrusivas nesse novo lugar onde o jovem se encontra. Conhecemos um irmão mais novo e a mãe. T.J. aprende uma palavra em árabe: *Shukran*. Obrigado. Entre penares, há trocas agradecidas e formam-se novos laços.

Considerações finais

O último *pub*, o velho carvalho. O filme nos leva a entrar em contato com traumas partilhados e com a busca incessante de sentido. Na multidão, vemos o estandarte sendo carregado por ingleses e sírios. Apesar das denúncias de xenofobia, esse talvez seja o filme mais otimista de Loach. O carvalho resiste e, por isso mesmo, mantendo-se alheio às distinções produzidas entre os seres humanos pela cultura, pode abrigar muitos.

O otimismo do diretor parece nos oferecer reflexões sobre como percebemos o considerado estrangeiro. O protagonista reage de forma diferente diante dos imigrantes sírios que chegam ao vilarejo, por conta de sua solidão doméstica aplainada com a companhia de seu cachorro de estimação e do trabalho cotidiano no *pub*, que conta com a presença de sua empregada. Por que ele reage de modo diferente, acolhedor e compreensivo ao encontrar os estrangeiros que chegam ao vilarejo? Loach parece não nos oferecer porquês, mas indica um outro modo possível de viver em *comum-unidade*, mesmo em face das transformações capitalistas (e apesar delas), que convertem vilarejos inteiros em cidades abandonadas, e da especulação imobiliária, que se desinteressa pelos imóveis da região, vendidos a preços abaixo do mercado para organizações humanitárias. A fotógrafa parece ser o alvo mais fácil a ser atingido diante

de tanto ódio por parte de algumas pessoas do vilarejo. O que faz com que o nosso velho carvalho não se vergue diante das desigualdades sociais e de gênero?

Um dos encaminhamentos finais deste ensaio é que não se pode vaticinar sobre os efeitos que envolvem os encontros entre seres humanos, sejam eles tomados por suas diferenças ou similitudes. O *intermediário* surge de forma induzida ou espontânea a partir da própria excitabilidade trazida pela diferença, que a psicanálise inscreve na ordem do sexual, mas cujas bifurcações compõem as diferenças de gênero, idade e geração, gostos, heranças e tradições, ou seja, diferenças enquanto uma multiplicidade cujo potencial não é de provocar e brincar novos mundos a partir de elementos já conhecidos. Assim, a figurabilidade do *intermediário* pode ser objeto de operações envolvendo alianças inconscientes e pactos narcísicos que transformam, passo a passo, o aparelho psíquico grupal. Como o próprio protagonista da história repete, “Quem come junto, resiste junto”, ao que poderíamos acrescentar, indo já para a lição freudiana de *Totem e tabu* (Freud, 2023 [1913]), quem se senta à mesa topa dividir do mesmo pai totêmico ou até mesmo se deliciar com os sabores do ancestral alheio.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (2021). *O incômodo* (P. S. Souza Jr., Trad.). Blucher. (Obra original publicada em 1919)
- Freud, S. (2021). O mal-estar na cultura. In S. Freud. *Cultura, sociedade e religião: o mal-estar na cultura e outros escritos (Obras incompletas de Sigmund Freud)*. Autêntica. (Obra original publicada em 1930)
- Freud, S. (2023). Totem e tabu. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 13). Imago. (Obra original publicada em 1913)
- Haroche, C. (2023). A vulnerabilidade psíquica contemporânea. In C. Haroche, M. Rovai & R. Paiva. (Org.), *A condição vulnerável: a perda do sentimento de existir* (pp. 15–57). Ed. Unifesp.
- Kaës, R. (1990). Introduction à l'analyse transitionnelle. In R. Kaës. (Org.), *Crise, rupture et dépassement* (pp. 1–83). Dunod.
- Loach, K. (Diretor), & O'Brien, R. (Produtora). (2023). *O último pub* [Filme]. Why Not Productions. (Original: *The Old Oak*, Reino Unido/França).
- Rosa, M. D. (2015). *Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento* [Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo]. Instituto de Psicologia da USP.
- Said, E. W. (2007). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/qy11sp32>.